CONHECIMENTOS UTEIS.

DUAS PALAVRAS, E ULTIMAS, SOBRE AS VERRUMAS ARTESIANAS PARA O ALEM-TEJO.

869 Em resposta e refutação do nosso artigo 820, recebemos do Illm.º Sr. *Francisco da Mãi dos Homens Annes de Carvalho* segunda carta, em que S. S.ª sustenta — que a auctoria do projecto de regar o *Alem-Téjo* por via da perforação artesiana lhe-pertence. Novamente declaramos a S. S.ª, que respeitamos a sua propriedade; que firmemente acreditamos ser sua a futura proposição de lei; e intendemos que não só da provincia, mas de todo o Portugal lhe-ha-de ella grangear benções e louvores. — Todo o restante da questão havemol-o por de pouco momento, e já sobejamente debatido; abster-nos-hemos de tornar a ella. Releve portanto o Sr. Deputado que em tão escaço numero de paginas, como tem este jornal, não insiramos a carta, com que S. S.ª nos-honrou — na verdade interessante, obsequiosa para comnosco, mas um pouco extensa para os limites d'esta folha. — Ainda assim houvéramos cortado por outros artigos para lhe-fazermos praça, se S. S.ª não tivesse achado conveniente vulgarisal-a primeiro por outros jornaes; — o seu fim, que era a publicidade, já se-acha portanto preenchido; e o mais que podemos para provar a S. S.ª a nossa lealdade, é citar a nossos leitores onde a-poderão encontrar, e convidal-os a que a-lêam — é no *Correio Portuguez* n.º 240 pag. 975.

INVENÇÃO DE PONTES SEM PILARES NEM ARCOS.

870 Fazer, sem pilares nem arcos, uma ponte, que atravesse um grande espaço, por exemplo, um rio duas vezes mais largo do que o Sena, ninguem dirá que não seja um problema de mechânica bem crespo, bem curioso, e de bem alta importancia. Parece obra para gigantes! pois ahi o resolveu em *França* um homemzito, sem braços nem pernas, e só gigante no intendimento; uma especie de abôrto da natureza e da fortuna, pobre, desvalido, solitario (se porventura o ingenho o-póde nunca estar) e por nome *Giraud*.

O systema de *Giraud* satisfaz a tantos requisitos, que já se-póde antever será em muitas partes adoptado. As suas pontes, não puxam as margens onde assentam; podem ir á altura que se-queira, para deixar aos barcos passagem desafogada; qualquer pêso, tremor, ou balanço, não as arruina: podem-se fazer portateis para os exercitos que teem de atravessar rios, etc. etc. etc. É um invento ainda novo, mal se-lhe-podem por ora adivinhar todas as applicações e bondades. A Academia de *França*, examinou sizudament o systema de *Giraud*, e posto o não visse ainda para fóra da theoria, approvou-o. Poderamos dar a descripção e explicação d'estas pontes, mas para o commum de nossos leitores fôra escusada; e para os ingenheiros, que as-desejem conhecer, bastará saber onde a-acharão. É *no Journal des Connaissances Utiles* do mez de janeiro do corrente anno.

FACIL PERFORAÇÃO DOS ROCHEDOS.

871 O que a história attribuiu fabulosamente a Hannibal, a chymica o-executou em realidade. O carthaginez romperia; mas não desgastou as rochas, a chymica desgasta-as, e rompe-as. O invento para as minas, para os poços e em mil outros casos poderá aproveitar, e é o seguinte: — um jôrro inflammado de gaz hydrogenio e oxygenio, expedido contra um canto de granito, produz n'elle immediatamente um calor vehementissimo: regada então a pedra com agua fria, amollece a ponto de entrarem por ella os instrumentos cortando sem nenhum custo. O auctor da idéa *Prideaux* repetiu muitas vezes a experiencia; e logrou sempre o mesmo resultado.

UMA VERBA DIMINUIDA NO ORÇAMENTO DOS MUSICOS.

872 O francez *Duverger* já tinha chegado a compôr solfa typographicamante; mas saía cara. *Busset*, seu patricio, ideou agora outro methodo, muito singelo, e muito barato. Póde-se compôr uma pagina de musica tão facilmente como uma pagina de um livro: se vingar o invento, como é de presumir, ha-de fazer baixar desproporcionadamente o preço das musicas estampadas, e acabarem-se as manuscriptas.

IMPROVISO DE RABANETES.

873 Vimos em o nosso artigo 812 d'este volume alfaces creadas em 48 horas.

Vamos ver como em pouco mais tempo virão a lume rabanetes. — Deixam-se 24 horas de molho as sementes; e mettem-se ainda molhadas n'um saquinho, que se pendura ao sol. Passadas outras 24 horas vem grelando. Então semeam-se n'um caixote de terra bem adubada, que se-réga de quando em quando com agua tépida; poucos dias após estão os rabanetes do tamanho de cebolinhas e em muito boa conta para o prato.

Querendo-os ter no pino do inverno serra-se pelo meio um barril, enche-se uma das cêlhas com terra boa; lançam-se-lhe as sementes medicadas como fica dicto, e cobre-se tudo com a outra cêlha vasia. Leva-se esta horta solapada para alguma casa subterrânea de bom agasalho, e vai-se regando com a agua tépida todos os dias. Passados 5 ou 6, é mandar apanhar e sentar-se logo á meza.

Tambem não experimentámos, porém é de jornal acreditado.

QUEIJOS COMO OS DE CHESTER.

874 Para fazer o queijo inglez a que chamam de Chester, ordenham-se as vacas á noite, e deixa-se ficar o leite até pela manhã: tira-se-lhe a nata, e lança-se para um alguidar, que se tem aquecido com agua a ferver; aquece-se do mesmo modo o leite que ficou desnatado. Deita-se depois n'um balde largo o leite que se mugiu n'essa mesma manhã, e juncta-se-lhe a terça parte do desnatado e quente, depois de reunido com toda a nata que se-lhe-havia tirado; isto n'uma temperatura que não exceda a 28 ou 30 gráos do centigrado.

A côr amarela dão-lh'a os inglezes misturando no leite uma substancia chamada roucou; um pouco d'assafrão n'uma boneca de pano de linho fino podia servir do mesmo. Ajuncta-se-lhe o coalho, e tapa-se o balde, até que a coalhada esteja feita: esta, despejada do sôro, é esmigalhada o mais que se póde, e mettida debaixo de pêsos para se-desentranhar d'alguns remanescentes de sôro. Mette-

se esta massa n'um cincho, ou fôrma crivada de buraquinhos, onde fica outra vez comprimida com um pêso que se lhe sobrepõe. Repete-se esta operação mudando tres ou quatro vezes de fôrma; depois do que, se mette o queijo na prensa, onde se deixa oito ou dez horas. Em se vendo que já não sua cerosidade alguma, salga-se, esfregando-o com sal moido e muito fino. Embrulha-se em pano de linho, e mette-se n'uma celha de salmoira. Da celha tira-se para cima de uma meza, onde por espaço de oito dias se vai pulverisando com sal; havendo cuidado de o virar duas vezes por dia. Alimpa-se, unta-se com manteiga fresca, e leva-se para o armazem; onde por outros oito dias continuos deve ír sendo virado.

Queijo de Chester de 50 kilogrammas requer tres annos d'armazem, antes de ir ao mercado: mas tambem á conta d'este grande empate, posto que aliàs no fabrico nenhuma difficuldade haja, se-vende por tão subido preço, que bem vale a pena do esperar. Tambem se fabricam pequenos: toda a gente os-conhece; por que tem um feitio de *pinha*, e até queijos de pinha é o nome que entre nós se lhes costuma geralmente.

AGRICULTURA.

875 E' já hoje aphorismo que a Agricultura é para nós o unico meio de salvação. Tarde nos-chegou a theoria do desengano, e nem assim mesmo lhe-vemos geito de aproveitar! É porque a gente d'este seculo não foi creada n'isto, nem para isto: é porque a presente geração herdou muitos dos vicios, e preoccupações das gerações passadas: é porque a Agricultura nunca ha-de fazer pazes com a ociosidade, com o peralvilhismo, com a molleza, nem com o escudeirismo. São estas as razões de ordem; outras muitas ha de genero, e de especie, que iremos tractando pausada, e reflectidamente.

Assentou-se o principio, e para logo se-escreveu muito mais do que porventura convinha á capacidade dos nossos agricultores, ácerca da sciencia, e da arte. Este subito e desordenado derramamento de luzes poderá ter produzido (em muitos) maior somma de trevas; e para alguns o sacrificio de seus capitaes no desinvolvimento de uma arte, que no estado em que nos-achamos, não dá por certo vantagens correspondentes a esses empates.

Proteger a agricultura é proteger o principio de existencia nacional; mas quando a-descercaram dos embaraços, e prisões feudaes, e concederam aos cultores a isenção de certos encargos publicos, esqueceram-se de que de nada aproveita a benção sacerdotal carregada de indulgencias aos romeiros que só vão divertir-se, e que não querem da festa senão a folgança?!

Isentada a terra, convinha crear abonos e fiadores da isenção: quaes foram porém elles, e quaes podem ser no horroroso estado da nossa fazenda publica?! Que favor, que ajuda, e que auxilio darão uns filhos franchinotes á pobre da agricultura, mãe adoptiva, a que só se-chegam para a-disfructarem?!

Concederam-se algumas immunidades aos cultivadores: mas não se-augmentaram, nem supriram os braços; não se-proporcionaram os valores; não lhes-tiraram de cima do pescoço o terrivel cutello da agiotagem; não pozeram as classes consumidoras na dependencia regular e immediata do verdadeiro fornecedor, porque consentiram monopolios, e monopolistas; não se-tem querido, ou não se-tem sabido estabelecer a policia rural; e tem-se tolerado, que os salarios sejam antes regulados pelas paixões, do que o justo pagamento de uma determinada quantidade, ou qualidade de trabalho!!!

Que é pois o que se-tem feito para que a mãe tenha forças de alimentar a tantos filhos, que se-lhe-chegam?

Pouco mais de nada. — Apontaram-nos para a terra, e para o arado: quizeram dizer-nos — lavrem: occultando-nos todavia os *dativos de proveito* na grammatica das conveniencias ruraes!

Para ser agricultor, e viver da agricultura é preciso ter terra, bois, machinas, e instrumentos: o lavrador tem precisão de saber os nomes de todas as coisas, com que se-serve; não deve ignorar a arte, e a occasião de bem as-empregar; nem as qualidades das terras; os tempos proprios da cultura, e sementeira; o tractamento dos gados, dos arvoredos, das plantas etc. etc., mas se elle sabendo tudo isto, não podér regular a despeza pela probabilidade da receita, está perdido, porque lhe-falta a regra principal da sua existencia, e da vida da agricultura.

A experiencia juncta com um pouco de exercicio, apurada, e illustrada, por algumas observações, e exemplos, basta para habilitar o homem no ramerrão ordinario do tráfego rural: não queiram por hora mais do que isto: mettam-nos n'este caminho; alumiem-nos sufficientemente; animem-nos: e verão que não só ha-de o destino preencher-se, mas que a riqueza, e a sciencia hão-de crescer, e generalisar-se; pois que por uma admiravel lei da natureza humana — os productos do trabalho fecundam o mesmo trabalho; e cada novo fructo contém o germen de milhares de fructos. Isto é tão certo no mundo moral, como no phisico.

Para formar porém a sua base principal de vida, de prosperidade, e de existencia é que o agricultor portuguez não tem actualmente dados provaveis, nem possiveis. ¿ Pois quem póde calcular conveniencias em um paiz, em que os homens, e as bestas destroem, arruinam, e inutilisam uma parte das semeaduras? ¿ Quem póde marcar as extremas da despeza vendo que os operarios, os jornaleiros, e os artifices não soffrem uma taxa certa por um trabalho certo? ¿ Quem fará conta aos quebrados, e aos caídos em um paiz, em que os homens mais rusticos são os mais desmoralisados, e os invasores maiores da propriedade? ¿ Quem contará a receita aproximada quando o dinheiro escacêa, e foge, e o genero não vale em proporção do que custa; se-faltam terreiros, onde se elle venda por conta do agricultor; se não ha caixas, que lhe-adiantem o de que elle precisa; e se por coroa espinhosa de trabalhos, e de miserias, ha-de pedir-se dinheiro com o juro de doze por cento, onde a lei só permitte o ganho de cinco?!!

A agricultura é o meio de salvação para os portuguezes e para Portugal; mas até hoje nada se-fez do que convém fazer para que este meio se-estabeleça, e nos-salve.

Animados pelo bom acolhimento, e protecção da Revista Universal, e desejosos de prestar-lhe todo quanto amparo podêmos, nós, pequena criatura para tamanho trabalho, indicaremos — 1.° artigos de protecção que a agricultura imperiosamente demanda: 2.° as fontes possiveis de meios: 3.° os systemas, e methodos hoje em dia empregaveis para educar moral, e physicamente aos agricultores, e seus servidores: 4.° finalmente o modo de tirar o maior proveito da menor despeza.

São outras tantas théses geraes, que abraçam toda esta arvore da vida: a anályse a-decomporá para a-examinar, e recompol-a melhorada: assim nos-ajude Deus, e nos-perdoem os homens.

Santarem. — *José de Freitas de Amorim Barbosa.*

(Continuará.)

Não podemos dar maior documento da nossa sincera devoção para com a verdade, do que publicando fielmente o artigo, que se-vae lêr. — Não defendemos a redacção do nosso, a que este se-refere; haviamol-o escripto n'um desenfastiado quarto de hora, depois de termos lido em jornaes de *Paris*, recém-chegados, os maiores elogios ao tratado do Dr. Flourens, e a affirmação mui explicita, de se-achar por elle completamente refutada a Phrenologia, sciencia, a cujo respeito confessamos, que o nosso instincto moral e religioso sempre nos-trouxera desconfiados, inclinando-nos antes para o campo dos seus adversarios do que para o de seus defensores. — Como o Ex.^{mo} Sr. Silvestre Pinheiro, auctor da reprehensão, que já em parte acceitamos, promette continuar no assumpto, ficamos aguardando anciosamente a luz que nos-ha-de mostrar á consciencia, por qual dos dois bandos deveremos decidir-nos a final.

DA PHRENOLOGIA.

(Veja-se a Revista Universal n.° 2 pag. 14.)

876 Assumptos serios devem ser tratados com seriedade; nem é com gracejos que se derribam reputações taes, como a de Gall, Spurzheim, e Broussais (*).

O illustre antagonista do fundador da Phrenologia comprehendeu estas verdades, quando se aventurou a comprometter a sua, aliás bem merecida celebridade, nas Memorias com que se propoz, naõ ja destruir, mas minorar o merecimento de Gall e seos discipulos.

O Dr. Flourens emprega, para este fim, duas sortes d'argumentos; uns tomados á Physiologia, outros á Psychologia.

Os primeiros, em vez de desmentir, confirmam as asserções dos Phrenologistas; os outros só servem a provar que o Autor é ainda menos versado naquella sciencia do que os seos adversarios.

Confessa o Dr. Flourens que o encephalo é o orgaõ geral da sensaçaõ, do sentimento e da vontade.

Reconhece que o cerebro é o orgaõ especial da intelligencia; bem como o cerebello o é da vontade, isto é, das paixões e dos movimentos.

Affirmam os Phrenologistas que no encephalo de muitos individuos, assim da especie humana, como dos outros animaes, se pode marcar um certo numero de regiões correspondentes a certas classes de noções intellectuaes, no cerebro, e de sentimentos, no cerebello.

Nem Gall nem Anatomico algum da sua escola dice jamais que esta observaçaõ se pode verificar em todos os individuos; nem que os limites daquellas regiões se achem distinctamente traçados; e muito menos que seja facil assigna-los, mesmo vagamente, a pessoas pouco experimentadas.

O Dr. Flourens suppõe que os Phrenologistas affirmam absolutamente o contrario; e partindo desta falsa supposiçaõ, batte-os victoriosamente, mostrando a incerteza daquelles limites, e a difficuldade de distinguir as differenças daquellas regiões, ainda mesmo admittindo que ellas sejam tam realmente distinctas como os Phrenologistas pretendem.

Já se vê, pois, que o Dr. Flourens naõ triumpha senaõ de adversarios que só existiaõ na sua imaginaçaõ, e naõ de Gall ou de seos discipulos, que nunca tal affirmaram.

O Dr. Flourens é ainda mais injusto, quando n'algumas passagens quer dar a entender que os seos adversarios dam á cranoscopia uma importancia, que naõ somente elles jamais lhe deram, mas antes advertem frequentemente nos seos escriptos aos incautos, que se lhe naõ deve dar.

As unicas accusações fundadas e d'alguma importancia, que se podem fazer aos Phrenologistas, saõ: 1.° O barbarismo da linguagem por elles creada para exprimirem uma indigesta e incompleta classificaçaõ de estados e de actos psychologicos; 2.° A presumptuosa asserçaõ de que a sciencia da Psychologia só começa a datar do dia em que o Dr. Gall fez os seos primeiros descobrimentos anatomicos.

Pelo que respeita á parte anatomica das descobertas de Gall, já antes de M. Flourens o Dr. Leleu as havia reduzido ao seo justo valor, tributando áquelle grande Mestre os elogios que M. Flourens mesmo se naõ atreve a negar-lhe.

Quanto porem ás presumptuosas pretenções em Psychologia, as observações do Dr. Leleu, posto que imperfeitas, sam mui superiores ás que se encontram nas Memorias do Dr. Flourens. Este ultimo mostra, como o primeiro, naõ conhecer da sciencia psychologica mais do que um confuso reflexo das doutrinas de Locke e de Condillac transmittidas por Tracy e Laromiguière; e se alguma cousa accrescenta de seo proprio cabedal, reduz-se a mero jogo de palavras.

N'um seguinte artigo exporemos a nossa particular opinião sobre a Phrenologia.

(*) Outro tanto se pode dizer de Condillac, Locke, Bacon, Leibnitz e Aristoteles, cujas doutrinas sam tratadas de Philosophismo; de D'Alembert, Diderot, Helvecio, Holbach, Voltaire, Rousseau e mais illustres autores cujas obras se acham refundidas na *Encyclopedia* e cujos erros, por mais numerosos que elles sejam, nos impõem a obrigaçaõ de refuta-los com rasões, mas naõ autorisam ninguem a expo-los ao escarneo do vulgo, incapaz de se desenganar, avaliando-os pela leitura das suas obras. Naõ è menos mal cabido o ridiculo inherente à palavra *Mesmerismo*, quando se trata de factos que os adversarios do Magnetismo animal, se obstinam a negar, como outrora a circulaçaõ do sangue, o movimento da terra, a existencia dos aerolithos etc.; *não por serem fingidos ou illusorios*, pois sam attestados por homens superiores a toda excepção taes como Jussieu, Mauduit, Deleuse, Lespine, Huot, Orfila Cloquet, Frapart, Arago etc.; *mas*, dizem os incredulos, porque *sam impossiveis:* como se a experiencia naõ fosse quem unicamente pode decidir sobre o que è possivel ou impossivel!

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

PUBLIA HORTENSIA DE CASTRO.

10 *de Octubro de* 1595.

877 Corria o primeiro quartel do decimo sexto seculo, d'esse seculo tão de portuguezes, e, pelo que já ouvireis, não menos de portuguezas; quando a *Thomaz de Castro*, cavalheiro de nobilissima geração, nasceu uma filha na *Villa*, entre as outras, distincta pela antonomasia de *Viçosa*. — Não nos-maravilhára se-ouviramos nomear *Ignez*, *Leonor*, ou *Izabel* a filha do nobre cavalheiro; mas *Publia Hortensia*, a filha de um Castro, e de um Castro quinhentista, caso é que sempre nos-tem dado em que scismar. É certo porém que com este nome de matrona romana entrou no pantheon feminino esta amazona letrada, esta George Sand (mas honesta) de ha tres seculos. — Tal foi o furor, melhor disseramos, a monomania estudiosa, que entrou no corpo e alma da menina *Castro*, que deixado o estrado de *Villa Viçosa* e os lavores do sexo, eil-a que parte em trajos de estudantinho para a nova, e então mui florente universidade de *Coimbra*, em companhia de seu irmão *Jeronimo de Castro*, que só entrava no segredo d'esta estranha metamorphose. Alli cursou humanidades, philosophia, e theologia; que val o mesmo que dizer todas as sciencias e letras em seu tempo conhecidas. — Dos seus progressos na philosophia não ha mais que dizer, senão repetir o que o mestre *André de Resende*, testimunha de vista, escreveu a um amigo n'esta substancia — « a coisa mais para ver, e capaz de vos-dar maior satisfação foi *Publia Hortensia de Castro*, rapariga de 17 annos, tão versada nas maximas de *Aristoteles*, que disputando em conclusões publicas com muitos sabios, não houve argumento, por mais cavilloso, que não solvesse com summa promptidão, e não menor graça.« — A Infanta *D. Maria*, filha d'elrei *D. Manuel*, cuja casa era uma academia de eruditas damas, atomou para seu serviço, movida das recommendações do Infante Cardeal *D. Henrique*. Na presença d'estes principes defendeu mais conclusões. — E parece que a edade lhe não apoquentava o espirito, porque já em tempo do governo d'elrei *D. Filippe* 2.°, e perante elle sustentou em *Elvas* outras conclusões theologicas; acto, que lhe-mereceu d'aquelle monarcha a mercê de uma tença de 20$ réis — *pelas suas muitas letras e saber*. — Depois de ter escripto alguns livros de differentes assumptos em prosa e verso nas linguas latina e portugueza, nenhum dos quaes chegou a dar-se á estampa, falleceu no estado de solteira a 10 de octubro de 1595, e jaz sepultada no claustro do convento da Graça de *Evora*. — Seja-lhe a terra leve.

Propomos o seu exemplo, mais para ser admirado, do que imitado das nossas donas.

J. H. da Cunha Rivára.

A BATALHA DO CHRYSUS.

711.

(Fragmento.)

(*Continuado de pag.* 18.)

XII.

Traição.

878 O sol ía já em alto quando o grito d'*Allah Acbar!* soou no centro dos esquadrões do Islam: era a voz sonora e retumbante de Tarik. Repetido por milhares de boccas, este grito restrugiu e echoou, como o estourar de uma trovoada distante, pelos pendores das serras, e murmurou e perdeu-se pelos desfiladeiros e valles. A cavallaria arabe enristando as lanças arremeçou-se pela planicie, e desappareceu n'um turbilhão de pó.

« Christo e avante! » — bradaram os godos; e os esquadrões que rodeavam Ruderico se-precipitaram ao encontro dos mosselemanos como dois bulcões ennovelados, que em vez de correrem pela atmosphera nas azas da procella, rolam na terra, que parece tremer e vergar debaixo do pêso d'aquella tempestade d'homens. O ruido abafado e distincto do mover dos dois exercitos vae-se gradualmente confundindo n'um som unico, ao passo que o chão intermedio se-embebe debaixo dos pés dos cavallos. Essa distancia entre as duas muralhas de ferro estreita-se — estreita-se! É apenas uma fita tortuosa lançada entre as duas nuvens de pó. Desappareceu! Como o estourar do rolo de mar encapellado, tombando de subito sobre os alcantís marinhos d'extensas ribas, as lanças cruzadas ferem quasi a um tempo nos escudos, nos arnezes, nos capacetes. Um longo gemido, assonancia horrenda de mil gemidos, sobreleva ao som cavo que tiram as armaduras batendo na terra. Baralham-se as extensas fileiras: cruzam-nas espantados os ginetes sem donos, nitrindo de terror e de cholera, com as crinas eriçadas e respirando um alento fumegante. Não se-distingue n'aquelle oceano agitado mais que o afuzilar tremulo das espadas, o relampaguear rapido dos frankisks, o scintillar passageiro dos elmos de bronze; não se-ouve senão o tinir do ferro no ferro e um concerto diabolico de blasphemias, de pragas, d'injurias em romano e em arabe, intelligiveis para aquelles a quem são dirigidas, não pelos sons articulados, mas pelos gestos de odio e desesperação dos que as-proferem. De vez em quando um brado retumba por cima d'esse estrupido medonho; são os capitães que buscam ordenar as batalhas. Debalde! As fileiras tem rareado: o combate converteu-se n'um duello immenso, ou antes em milhares de duellos. Cada cavalleiro arabe travou-se com um cavalleiro godo, e os dois contendores esquecem tudo quanto os-rodêa: são dois inimigos cujo odio encaneceu n'um momento, e n'um momento esse rancor é intenso quanto o-fôra se por largos dias se-accumulára sem poder resfolgar. Firmes como se tivessem lançado raizes no sólo, os guerreiros christãos vibram a terrivel acha d'armas, que tomaram dos frankos, ou meneam a espada curta e larga dos antigos romanos; porque as lanças voaram em rachas tanto das mãos dos godos como das dos arabes. Estes, curvados sobre os collos dos leves corceis do deserto, e cobertos com os largos escudos, volteam em roda dos adversarios, e quasi ao mesmo tempo

os-accommettem por um e por outro lado, tão rapido é o seu perpassar. N'esta lucta da fôrça e da destreza ora o duro neto dos visigodos, deslumbrado pelo incessante dos golpes, esvaido pelas muitas feridas, suffocado pelo pêso enorme da armadura, vacilla e cae como o pinheiro gigante cerceado pelo machado do incansavel lenhador: ora o ligeiro agareno vê coriscar em alto o frankisk, e logo o-sente, se ainda sente, embargar-lhe o ultimo grito na garganta, até onde rompeu, esmigalhando-lhe o crâneo, e sulcando-lhe o rosto. Assim os centros dos dois exercitos semelham o tigre e o leão no circo, abraçados, despedaçando-se, estorcendo-se ennovellados, sem que seja possivel prever o desfêcho da lucta, mas tão sómente, que ao adejar a victoria sobre um dos campos, terá descido sobre o outro o silencio e o repouso do anniquilamento.

Os soldados, que seguiam a bandeira de Theodemiro, tinham-se arrojado ao combate apenas viram partir os esquadrões de Ruderico. A ala direita dos Mohametanos era capitaneada pelo emir da cavallaria africana Mugueiz, a quem a sua origem romaica fizera dar o nome de El-Rumi. O emir era o mais valente e experimentado dos capitães de Tarik, e por isso este fiára do renegado o mando d'aquella ala, na qual tambem esvoaçava o pendão de Juliano, que, se como o temeroso Mugueiz não abandonára a crença do Calvario, tinha comtudo amaldiçoado como elle a sancta religião da patria. Estes dois guerreiros ferozes ambos, um por indole e hábito, outro por vingança e ambição, amavam-se mutuamente, porque os-fizera irmãos uma palavra escripta em suas consciencias, a maxima affronta humana, o nome de renegados.

O recontro d'essa ala foi similhante em tudo ao do grosso das duas hostes, salvo que ahi o frankisk encontrava no ar o frankisk, a injúria de godos respondia á injúria proferida por bôccas de godos, e as imprecações de odio e de chólera eram ainda mais violentas. Theodemiro combatia á frente das tyuphadias, onde mais acceso ía ser o travar da batalha, sem todavia esquecer o officio de capitão. Era isto; era o exemplo que tornava invenciveis os seus soldados. Guiando os cavalleiros tingitanos, Juliano tambem rompêra primeiro adiante dos arabes; os dois antigos companheiros de combates haviam topado em cheio, e as lanças voaram-lhes das mãos em rachas. Os cavalleiros passaram um pelo outro como relampagos, para logo tornaram a voltar arrancando das espadas.

«Circumcidado!» — bradou Theodemiro ao perpassar por Juliano, na rapidez da carreira.

«Escravo!» — replicou o conde de Septum, e rangeu os dentes de chólera.

A injúria vibrada pelo duque de Corduba penetrára mui fundo. Como Judas, o conde da Tingitania traíra a patria pela cubiça, e defendendo o estandarte do propheta de Medinah, fazia triumphar o Alcorão. Duas vezes a sua alma era a d'um circumciso.

Os dois cavalleiros godos accommetteram-se com toda a fúria de rancor entranhavel: as espadas encontrando-se no ar faiscaram como o ferro abrasado na incude: mas a de Theodemiro fôra vibrada por braço mais robusto, e postoque o golpe descesse amortecido, ainda entrou profundamente no escudo que o seu adversario levava erguido sobre a cabeça. Entretanto Juliano, revolvendo rapidamente a espada, rompeu a couraça do duque de Corduba, e feriu-o levemente no lado.

«Vencedor dos Vasconios —gritou rindo diabolicamente o conde de Septum — olha por ti! Nas margens do Chrysus não ha taças de vinho como aquellas com que te-embriagavas nos paços de teu senhor. Aqui o que corre é sangue!»

Theodemiro tinha já desencravado a espada do escudo de Juliano, em que ficára embebida. — Rapidamente ella descêra de novo, guiada pela raiva de que abafava o guerreiro. O golpe partiu o escudo já falsado, e bateu no elmo brilhante do conde, com tal fúria, que este perdeu a luz dos olhos, e curvando-se para diante se-abraçou ao collo do cavallo, quasi sem sentidos. Outra vez que o duque de Corduba vibrasse o ferro, Juliano estava perdido: o caminho da morte lá lhe-ficára profundamente assignado no elmo.

«Que miras o chão, traidor? — disse Theodemiro brandindo no ar a espada, e segundando o golpe. —É a terra da patria que vendeste aos infieis como tu!»

O ferro, porém, não pôde chegar á cimeira do capacete do conde de Septum. Outro ferro seguro por mão robusta se-mettêra de permeio. Era Mugueiz, que passando, víra o perigo imminente do seu amigo, e corrêra para o-salvar.

Então Theodemiro voltou-se contra o feroz renegado, e um terrivel combate se-travou entre ambos. Mugueiz não era menos destro que o principe da Betica. Mais membrudo e robusto que elle, e além d'isso, ainda não ferido, a vantagem era toda sua; mas o esforço de Theodemiro suppria essa inferioridade.

Entretanto Juliano recobrára o alento: a vergonha, o despeito, a sêde de vingança estorciam-lhe o coração. O nobre ginete em que cavalgava, sentindo seu senhor semimorto, tinha corrido espantado até onde a multidão de christãos e arabes travados em pelêja sanguinolenta lh'o-consentia. O conde cravando-lhe os acicates, com a espada erguida na mão, arremeçou-o para o logar onde o duque de Corduba, pelêjava com Mugueiz. Era um feito covarde; ¿mas que importava a Juliano a glória? Assignalado com o ferrete indelevel de traidor, havia-se habituado a viver para um sentimento único — a vingança. E a vingança era quem o-impellia.

Emquanto assim os dois capitães inimigos combatiam por aquella parte, o recontro dos esquadrões do centro continuava mortífero, mas sem melhoría para arabes ou christãos. Montado no seu cavallo Orélia, Ruderico, rodeado de grande número de cavalleiros, contemplava de um oiteirinho a batalha, prompto a soccórrer os seus, logo que os-visse retraír diante dos mosselemanos. Mestre na sciencia dos combates, havendo percebido, que a ala esquerda do exército de Tarik era em grande parte composta dos selvagens, soldados d'Africa, entre os quaes apenas avultava a cavallaria da tribu dos Zenetas, tinha ordenado a Sisebuto e Ebbas que não rompessem sem seu mandado. Era na maior fôrça da pelêja, que elle queria arrojar os valentes filhos

da provincia Carthaginense contra aquella multidão desordenada de bárbaros, para que desbaratando-os, podessem accommetter os arabes pelas costas, e assim esmagal-os. Prevendo o resultado d'aquella traça guerreira, o rei das Hispanhas saboreava de antemão a victoria, porque até então esta se-mostrava indecisa, e as espadas toledanas, lançadas á sua voz na balança dos destinos, deviam inclinal-a para o lado dos godos.

N'este momento, por uma das pontes já desertas, lançadas na noite antecedente sobre o Chrysus, soava um correr de cavallo á rédea sôlta. Alguns soldados, que andavam mais perto da margem, volveram para lá os olhos. Um cavalleiro de estranho aspecto era o que assim corria. Vinha todo cuberto de negro: negro o elmo, a couraça, e o sáio; o proprio ginete, murzello. Lança, não a-trazia: pendia-lhe da direita da sella uma grossa maça ferrada de muitas púas, especie de clava conhecida entre os godos pelo nome de borda, e da esquerda a arma predilecta dos godos, a bipenne dos Frankos, o terrivel frankisk. Subiu rapido a encosta, d'onde Ruderico attendia aos successos da batalha. Parou um momento, e olhando para um e outro lado precipitou a carreira para o logar, em que fluctuavam os pendões das tyuphadias da Bética. Como um rochedo pendurado sobre as ribanceiras do mar, que estallando roda pelos despenhadeiros e abrindo um abysmo se-attufa nas aguas, assim o cavalleiro desconhecido, rompendo por entre os godos se-arrojou para onde mais cerrado em redor de Theodemiro e Mugueiz fervia o-pelêjar.

Juliano se-approximára no emtanto do esforçado duque de Corduba, que ferido, e obrigado a combater com o destro e feroz renegado, a custo se-poderia defender dos duros golpes do conde, golpes que o ódio e a chólera dirigiam. Alguns cavalleiros da Bética voaram a soccorrer Theodemiro, mas os arabes com que andavam travados tinham-n'os seguido de perto, e rodeando Mugueiz haviam tornado inutil o soccorro dos cavalleiros christãos. O apertado revolver das armas formava uma abobada de ferro em volta dos dois capitães inimigos, atravez da qual debalde o conde de Septum buscou muitas vezes abrir caminho para ferir a Theodemiro, até que finalmente galgando por cima de um arabe derribado, póde vibrar-lhe um golpe. O elmo do nobre godo restrugiu, e o guerreiro vacillou. A última pagina da sua vida parecia escripta no livro dos destinos. Os duros adversarios do duque de Corduba íam tingir de negro as que ainda lhe-restavam em branco.

Mas o cavalleiro desconhecido havia passado atravez da hóste goda, e chegára á dianteira dos arabes. Com a maça jogada ás mãos ambas abalava e rompia as armas mais bem temperadas, e as púas, entrando pelas carnes dos que se-lhe-punham diante, íam esmigalhar-lhes os ossos. Por onde elle atravessava, nem as fileiras se-uniam, nem os godos achavam adversarios. Como a charrua em chão batido de planicie, arrastada com violencia, deixa após si grossas glebas revolvidas, assim aquella arma irresistivel deixava ao passar uma larga cauda de cadaveres, e de moribundos, debatendo-se em terra. Os godos espantados perguntavam uns ao outros, quem seria aquelle temeroso guerreiro, mas entre elles ninguem havia que podesse dizel-o. Se combatesse pelos mosselemanos crêl-o-íam o demonio da assolação: mas pelêjando pela cruz, dir-se-ía, que era o archanjo das batalhas mandado por Deus para salvar Theodemiro e com elle os esquadrões da Bética.

No instante em que o cavalleiro negro chegou ao logar, onde já o duque de Corduba só procurava amparar-se contra Mugueiz e Juliano, este, cego de furor, descia com segundo golpe: a espada porém voou-lhe das mãos em pedaços batendo na maça do cavalleiro negro, que deixando depois caír a terrivel borda ao longo da sella, ergueu rapidamente o frankisk, e descarregando-o sobre o hombro do renegado lhe-cortou o braçal, fazendo-lhe uma ferida profunda. A dôr arrancou um brado a Mugueiz, a cujo som o seu ginete amestrado o-arrebatou para o meio dos arabes, e Juliano vendo-se desarmado fugiu após elle. Então o desconhecido disse a Theodemiro algumas palavras sumidas, e sem esperar resposta, arrojou-se outra vez contra os esquadrões agarênos.

Desde este momento a ala direita dos mosselemanos começou de affrouxar, porque Mugueiz mal-ferido se-retraíra para o acampamento. Alguns scheiks illustres jaziam moribundos ou mortos ás mãos do cavalleiro negro, que parecia escolher as suas victimas entre os mais nobres e esforçados guerreiros do Islam. Animados por elle os godos, cobrando novos brios, procuravam imital-o e remessavam-se destemidos atravez da hóste inimiga que debalde buscava resistir á torrente. Os signaes da victoria dos godos eram já dolorosamente certos para os mosselemanos.

Ruderico viu isto, e exultou. O sol inclinava-se para o occaso, e o centro do exército arabe, onde se-achava Tarik estava firme: mas os clamores de triumpho que já soavam na ala esquerda dos christãos começavam a espalhar o susto entre os soldados do propheta. Foi então que o rei dos godos ordenou á sua ala direita se-arrojasse contra os berebéres, e dispersando-os, accommettesse os esquadrões de Tarik, que pareciam haverem lançado raízes no sólo ensanguentado do campo da batalha.

Um quingentario partiu á rédea sôlta para levar a ordem fatal aos filhos de Vitiza. A frente dos seus soldados os dois irmãos fallavam a sós com Oppas, e contemplavam o combate. Apenas ouviram o que se-lhes-ordenava, Sisebuto e Ebbas voltando-se para os esquadrões que lhes-obedeciam, bradaram: — Vingança! — Este grito foi repetido por Oppas e pelos nobres que o-seguiam. Então no meio d'aquella espessa selva de lanças repercutiu um brado terrivel, que respondia ao dos capitães: — «Glória ao rei Sisebuto! morte ao traidor Ruderico!»

E os filhos de Vitiza e o hypocrita bispo d'Hispalis com as lanças aprumadas e as espadas na bainha, lançaram-se pelo valle abaixo, e a mór parte dos esquadrões os-seguiram. Apenas Pelaio, duque da Cantabria, ficou immovel á frente dos selvagens vasconios e d'algumas tyuphadias da Gallécia e da Narbonense, que, alheias á traição d'aquelles malaventurados, recusaram seguil-os.

Ruderico viu ennovelarem-se nos ares os rolos de

pó, que se-alevantavam sob os pés dos ginetes: — «Valentes mancebos — exclamou — hoje a Hispanha vae ser salva por vós! — Vêde — accrescentava sorrindo, e fallando com os guerreiros que o-cercavam, muitos dos quaes haviam condemnado a sua arriscada confiança na generosidade dos filhos de Vitiza: — Vêde como elles se-arrojam contra os africanos! Quando um grande risco ameaça a patria, não ha ódios entre os godos; todos elles são irmãos, porque todos elles são filhos d'esta nobre terra d'Hispanha.»

E o quingentario que voltava, gritou de longe: — «Trahidos!»

Ruderico empallideceu.

. . . .

A. Herculano.
(Continuar-se-ha.)

CARTA V.

Cyclos ou grandes divisões historicas. — Edade média e Renascimento. — Preferencias da edade média.

(Continuado de pag. 20.)

879 Entre nós subsistem ainda grandes vestigios da dominação romana; subsistem na lingua, subsistem até nos costumes populares: mais evidentes são ainda os das raças germanicas; temo-los nas instituições, nas leis, nas crenças moraes: o mesmo e mais podemos dizer dos arabes; destes nos-ficaram em boa parte os habitos e a linguagem domestica, o systema d'agricultura, e emfim, até as similhanças do gesto, e a violencia das paixões e affectos. Mas que nos-resta dos lusitanos? Do pouco que ácerca d'elles sabemos delos escriptores gregos e romanos, que particularidade do seu character, da sua lingua, dos seus costumes, os-liga comnosco? Porque titulo são elles nossos avós?

Se o terem habitado em uma parte do nosso sólo pode identifica-los comnosco, e obrigar-nos a urdir a têa da nossa historia desde tão apartados tempos, essa têa tem de ser ainda mais vasta: cabe-nos tambem historiar as escaças recordações das tribus barbaras que demoravam pelas outras provincias da Hispanha, a Tarraconense, e a Bética. Strabão diz, que antigamente a Lusitania começava, do poente, nas margens do Tejo. Fallae-nos, pois, das tribus da Betica, porque o Alem-Tejo e o Algarve foram habitados por ellas. Ainda depois da divisão feita por Augusto a parte da Gallecia antiga que hoje forma as provincias de Traz-os-Montes e Minho pertenceram á Tarraconense; escrevei por tanto a sua historia. Escrevei a historia da Hispanha inteira, se quereis que a identidade de territorio constitua unidade nacional entre duas raças diversas.

Custa-nos assim maguar os curiosos de genealogias populares, os crentes dos *autem genuit* historicos; mas por obrigação temos fallar verdade. A familia portugueza conta apenas seis seculos d'existencia: é plebêa entre as mais plebêas nações. Não receemos, porém que o seu nome se-apague na memoria dos homens, se algum dia ella deixar d'existir: este nome peão está escripto com a espada na face das cinco partes do mundo. É como *portuguezes,* não como lusitanos, que nós seremos para sempre lembrados.

O que fica ponderado ácerca d'esta tribu primitiva é quasi inteiramente applicavel ás differentes nações conquistadoras da Peninsula Ibérica. Carthaginezes, Romanos, Germanos, Arabes, todos passaram na Hispanha; todos n'ella deixaram ruinas de diversas sociedades, fragmentos de diversas civilisações. D'essas ruinas e d'esses fragmentos se formou o reino de Oviedo, Leão e Castella: d'este veio por linha transversal (permitta-se-nos a expressão) a monarchia portugueza, e por linha recta a monarchia hispanhola, ou antes castelhana; — porque hispanhoes tambem nós somos. A Castella, como mais velha, como morgada, e como incomparavelmente mais poderosa, pertencem esses tempos remotos. Sejam seus; não lh'os-invejamos. N'outro genero de gloria somos maiores do que ella; — na gloria de lhe-havermos resistido sempre, pequenos e pobres; de lhe-havermos ensinado, a ella e ás outras grandes nações, o caminho das conquistas e do poderio; a gloria finalmente de termos dado ao mundo os mais subidos exemplos de quanto é forte uma nação pouquissimo numerosa, quando crê na propria virtude, e confia na protecção de Deus.

Ainda mal que memorias, e só memorias são tudo o que d'essa gloria nos-resta!

É pois na separação de Portugal do reino leonez que a nossa historia começa: tudo o que fica além d'esta data, pertence, não a nós, mas á Hispanha em geral: é essa a primeira balisa para a divisão das nossas épochas. *A. Herculano*

(Continuar-se-ha.)

VISTA INTERIOR DE COIMBRA.

(Continuado de pag. 543 do 1.º volume.)

880 Ficam proximas da feira a rua dos Estudos, trânsito para o collegio das Artes, e a rua de S. Jeronymo, que deriva o nome do collegio da invocação d'este Sancto, fundado pelo bispo de *Leiria, D. Fr. Braz de Barros.* É bello edificio com vistas aprasiveis para a grandiosa quinta dos conegos regrantes de S. Agostinho, Cellas, etc., para onde a 24 de julho de 1838 se-trasladou o hospital dos homens do da Conceição, benzendo-se de novo o seu templo, escandalosamente profanado.

Á rua de S. Jeronymo segue-se o largo do Castello (*), d'onde partem a rua Larga, e a dos Militares (chamava-se bairro do Alem-Tejo, segundo *Cardoso*), que corre até ao arco da traição, e continúa com a couraça de *Lisboa;* recebeu a denominação do collegio das ordens militares de S. Bento de Aviz, e S. Thiago de Palmella, fundado pela mesa da Consciencia.

Este collegio foi perenne manancial de varões sabios, que occuparam os mais subidos cargos do sacerdocio, e do imperio; empregavam á porfia seu particular estudo em bem fallar a lingua portugueza, em que muitos d'elles se-assignalaram, e mereceram os gabos dos eruditos, como foram os senhores *Antonio Ribeiro dos Santos, Ricardo Raymundo, Simão de Cordes, D. Francisco Alexandre Lobo*, e outros. — Grave exemplo de imitação para os que despresam este jucundissimo e interessantissimo estudo; que, como observa *Boileau,* «sem bem saber sua lingua, o auctor mais divino nunca passará, por muito que faça, de mau escriptor.» Antes

(*) Sobre o *Castello de Coimbra* vide n.º 27, 3.º da 3.ª Série.

de *Boileau, Cicero* dissera, e *D. Fr. Amador Arraes* repetíra: «Querer o homem escrever seus conceitos sem os-saber explicar, ordenar, illustrar, e com alguma deleitação mover o leitor, é de homem, que sem nenhuma temperança usa mal do ocio, e das lettras.»

A rua Larga é a mais formosa do bairro alto, ladeada de quatro bellos collegios, e outros bons edificios; termina seu lanço direito n'um terreiro plantado de arvoredo, onde, segundo documentos do cartorio da Sé Cathedral d'esta cidade, houvera uma moiraria. Em 1839 ao abrir as covas para a plantação das arvores, alli se-acharam algumas moedas antigas, e já d'antes tinha havido outras eguaes achadas.

Defronte d'este terreiro fica o collegio de S. Paulo, que fôra de doctores oppositores ecclesiasticos e seculares, e por algum tempo séde da Universidade; sobre o portico se-lê a seguinte inscripção: Joannes III. Lusitanorum rex augustus, pater patriae semper invictus, collegium hoc D. Paulo dicavit, et academiam a se fundatam adauxit.

Por carta de lei de 15 de septembro de 1841 foi concedido o uso-fructo d'este edificio á sociedade denominada — Nova Academia Dramatica — emquanto se-regesse por estatutos approvados pelo govêrno. — Dentro do recinto de seus muros já em 1839 se-achava construido um theatro, onde representam os estudantes da Universidade. — As mesmas paredes, que nas épochas de nosso esplendor litterario e politico, presenciaram a comedia da *Serra d'Estrella*, e outros formosos *Autos de Gil Vicente*, que ahi foram declamados ante a côrte de elrei *D. João III*, e os *Villalpandos* de *Francisco de Sá de Miranda*, e as immortaes *Castro*, *Cioso*, e *Bristo*, recitadas pela mocidade academica d'essas eras; essas mesmas paredes tem agora resoado com as declamações da *Lucrecia Borgia*, de *Um Duello no tempo de Richelieu*, e outras quejandas peças, reputadas obras primas da litteratura franceza, sem se-lembrarem os que assim as-conceituam da preciosa maxima do nosso bonissimo *Arraes:* «O, que se-escreve, lê, e intende, inda que com gentil arte se-componha, com suavidade se-pronuncie, e com deleitação se-lêa, se ao bom viver se não refere, e em regra de bons costumes se não converte, não é a noticia das lettras outra cousa, senão instrumento de inchação, vã jactancia, e de trabalho sem proveito.»

Ao fundo da rua Larga fica o magestoso portico da Universidade, coroado da estatua de elrei *D. João III*, e ornado com as das quatro primeiras faculdades da Universidade com suas insignias e distinctivos; dá entrada por sua famosa porta ferrea, construida em 1640, para um espaçoso pateo limitado pela real Basilica de *S. Miguel*, pelo magnifico edificio da bibliotheca, real collegio de *S. Pedro* (era quarto das damas quando nossos reis assistiam em *Coimbra*), pelo observatorio, e vastos paços das eschólas.

A historia de cada um d'estes, e dos restantes edificios — monumentos de Coimbra, será objecto de artigos particulares, que n'uma simples vista de olhos sobre o interior da cidade não era possivel alcançar, e apontar tudo o que ha digno de especial commemoração.

R. de Gusmão.

PENICHE, E D. LUIZ D'ATTAIDE.

881 Pelo meu artigo os *Muros de Peniche — Revista* n.º 40 consta, com certeza, que nos sessenta annos da tyrannia de *Castella* nenhum dos tres reis intrusos teve na obra da praça de *Peniche* a mais pequena parte; por este agora ficará constando, qual foi a primeira fortificação perfeitamente acabada na mesma praça.

Dentro da cidadella de *Peniche*, ao sul, se-levanta imminente ao mar um castello (foi este o seu primeiro nome) depois a sua mesma fórma lhe-deu outro — O Redondo — sobre cuja entrada em uma lápida se-lê a inscripção seguinte: — IMPERANTE SERENISSIMO REGE IOANE III EREXIT HOC PROPUGNACULUM DOMINUS LUDOVICUS D'ATAIDE, INCEPTUM FUIT ANNO 1557 ET FINITUM ANNO 1558 REGNANTE INVICTISSIMO REGE LUSITANORUM SEBASTIANO PRIMO. — D'onde se vê, que D. *Luiz d'Attaide* em 1557, reinando ainda D. *João III*, fez levantar aquelle castello, que ficou acabado reinando já então o invictissimo rei lusitano D. *Sebastião I.*

Julgo não será desagradavel ajunctar a esta noticia mais alguma coisa do muito que se-póde dizer do restaurador da *India*. Na chrónica seráphica da provincia dos Algarves, onde se-faz de D. *Luiz d'Attaide* honrosa menção, depois de tractar de algumas das excellentes e incomparaveis qualidades, que o-ornaram: diz o chronista — esmaltou o conde D. *Luiz* todas estas prendas com o desinteresse, soberano fiador da bizarría, e generosidade. Por grande façanha sua se-conta, que trouxe do seu primeiro govêrno agua da *Asia* a *Portugal*, em logar de rios de oiro, que trouxeram outros. Dos quatro famosos rios *Indo*, *Ganges*, *Tigres*, e *Eufrates* trouxe quatro pipas de agua, as quaes por largos annos foram vistas no seu castello de *Peniche*, onde as-depositou para memória de que havia abatido com agua as fumaças do interesse. Sendo de edade de vinte e dois annos foi armado cavalleiro no *Monte Sinay* pelo governador D. *Estevão da Gama*, quando depois de haver descorrido pelo *Mar-Roxo*, alli chegou, como se-sabe, pelos largos progressos de sua vida em que serviu a corôa portugueza. Chegando em uma d'estas occasiões a *Portugal*, passou a *Allemanha* com uma embaixada do seu principe: e achando-se com o imperador *Carlos V* na batalha contra os lutheranos; porque observou uma acção heroica no conde D. *Luiz*, querendo armal-o cavalleiro de sua propria mão, elle politico, e agradecido, lhe-respondeu: « Esta honra, senhor, já a-tenho recebido no *Monte Sinay*, e por isso hei-de viver sempre com o pesar de não podêr agora recebel-a. » A estas palavras respondeu o imperador em presença de todos os seus aulicos: « Mais invejo eu o que agora dissestes, do que estimo a victória presente. » Chron-Seraph. T. 2.º, L.º 6.º, Cap. 30, N.º 165.

Concluo com o que d'este mesmo heroe refere *Antonio de Sousa de Macedo* no seu — Dominio sobre a fortuna cap. 25 n.º 7. Diz pois: « o insigne vice-rei da *India* D. *Luiz d'Attaide* aconselhado em uma occasião, que largasse aos moiros a fortaleza de *Chaul*, que parecia impossivel defender-se, respondeu, que o não faria, porque esperava em Deus, sem o qual as maiores fôrças eram nada, e com fé n'elle as mais pequenas eram grandissimas. E com esta confiança teve glorioso successo. «

Se ainda me-é licito, direi, que as pipas de agua, de que falla o chronista seráphico, vindas dos quatro principaes rios da *India*, podem tambem, creio eu, tomar-se como indicando os limites dentro dos quaes já então na *Asia* dominava largamente, e era respeitado e temido o nome portuguez. Esta significação, como manifestadora da glória nacional, não só podia intender-se por conjectura, mas até podia ter constado por palavras do proprio D. *Luiz d'Attaide:* a que o chronista menciona, como reveladora de uma virtude pessoal do vice-rei, só por conjectura podia descobrir-se; porque os varões virtuosos praticam as virtudes, mas não as-alardêam.

Peniche 20 de septembro 1842.

José Nicolau da Silva Franco.

NOTICIAS.

ESTRANGEIRAS.

882 Os levantamentos do BRAZIL ainda vão por diante, mau grado ás severas providencias do governo, que manda não perdoar ás vidas, nem aos predios dos levantados: mas as provincias do norte permanecem quietas.

Pelo último tractado entre os ESTADOS-UNIDOS e a INGLATERRA, restituir-se-hão mutuamente os criminosos.

O governo da RUSSIA espalha, que não ha por lá conspirações.

A CIRCASSIA continúa a ter-se galhardamente com a *Russia*; destruiu-lhe uma divisão de 20,000 homens e tomou o castello de *Marga*.

A SERVIA levantou-se e o principe *Miguel* foi por ella derrotado.

TURQUIA e PERSIA, pelas diligencias das outras nações, teem cara de se-quererem compôr.

As armas francezas em ARGEL escarmentam aos arabes do deserto.

Na INGLATERRA tem a força conseguido serenar em grande parte os levantamentos dos operarios esfaimados, que já ao presente se-vão achando fartos.... de cutiladas.

A rainha e o principe *Alberto* viajaram pela ESCOSSIA e assistiram a muitas festas.

As folhas de HISPANHA choram pobrezas públicas e privadas, fome, roubos, assassinamentos, desconsolos de todo o género e por toda a parte.

As exhalações do lago *Cils* teem derramado uma terrivel epidemia pela provincia de *Gerona*; teme-se que os seus effeitos venham a campear ainda mais largo. Vai grande questão ácerca da curatela da rainha que já completou os seus 12 annos. Dizem folhas francezas, que se-tracta de acasar com o duque d'*Aumale*.

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

883 *Diario do Governo de 29 de septembro* — Portaria para que pelos diplomas de emancipação se não leve mais dos 2,400 réis. — *Credito Publico.* — Annuncia-se que a 3 do proximo octubro terminará o pagamento dos juros das inscripções de 4 por cento. E que a 5, 10, e 12 se-pagarão os juros da mesma natureza pertencentes ao 1.° semestre das apolices da consolidação de papel-moeda e titulos. — A 17 e 19 os 4 por cento do mesmo semestre ás apolices das consolidações das dividas da marinha e dos empreiteiros d'Ajuda. E a 24 os 4 e 6 por cento das apolices vitalicias das loterias reaes de 1801 e 1806.

Dicto de 30 *dicto.* — Decreto pondo em vigor a lei das côrtes geraes, que auctorisa o govêrno a continuar o lançamento e cobrança das decimas e impostos de 1841 a 1842, com as instrucções annexas.

Dicto de 1 de octubro. — Amortisação de papel-moeda no valor de 1.024:000$386 réis.

Dicto de 3 *dicto.* — Ordem do exército n.° 44.

Dicto de 4 *dicto.* — Venda de bens nacionaes nos districtos de *Castello-Branco*, *Guarda*, *Evora*, *Vianna*, *Béja*, *Lisboa*, *Bragança*, *Villa-Real*, *Vizeu*, *Coimbra*, *Santarem*, *Porto.*

Dicto de 5 *dicto.* — Ordem do exército n.° 45. — Venda de bens nacionaes nos districtos de *Portalegre*, *Lisboa.*

MINA DE OIRO?

(Carta.)

884 *Sr. Redactor.* — Acaba de se-encontrar na íngreme serra da *Palhassa*, a meia légua d'este logar, uma mina abundante d'esse apparente ou verdadeiro oiro, cuja amostra lhe-remetto: do esboroamento das pedras resulta grão, ou arêa, como a inclusa, e até pedaços do tamanho de balas. — E pois que essa redacção é em tudo tão portugueza, rogo-lhe a mercê de submetter o seductor mineral á anályse dos peritos, a vêr se acaso valerá a pena de ser lavrada e feitorisada a mina. ¿ Encerrará thesoiros uma superficie de penhascos inhospitos, e de terra negra, que desde o *fiat lux* unicamente ha sustentado e produsido tojos e carvão para consumo d'estes contornos?

¿ A quem habita um sólo, qual o nosso *Portugal*, tão prenhe de mineraes, seria acaso mister, despovoando a patria, e desamparando a agricultura, ter atravessado o Atlantico, em cata de preciosidades subterrâneas? — O vulgacho d'estes arredores, apostadamente cura de preiar este haver da natureza; porque doira, na phantasia, o penoso do trabalho com a esperança de possuir as delicias da vida.

Vallizelos 20 de septembro de 1842.

J. M. G. P.

N. B. — Remettemos para a *Moeda* a amostra; e esperamos o resultado da anályse para o publicar.

AS ESTRADAS NO CONCELHO DE CADAVAL.

885 Um dos maiores encargos do escriptor público, que só attende ao melhoramento real do seu paiz, o sobre todos mais difficil e agro, é quando tem de cortar por todas considerações, e respeitos para reclamar desassombradamente culpas, descuidos, e não poucas vezes prevaricações, e crimes dos que tomam sobre si o rigoroso dever de curar, e promover os interesses e commodidades públicas; e que no desempenho de suas obrigações andam tão absolutos, como se ahi não lhes-coubesse outra coisa, senão regalias, honras, privilegios, e próes. Este penoso encargo, a que não podéramos faltar sem quebra de nosso credito e consciencia, está pedindo (á vista das correspondencias, que temos recebido do Concelho de Cadaval) um maior desinvolvimento das razões, com que aquelle povo se queixa da negligencia da camara municipal em olhar pelo estado, em que estão as estradas, e caminhos: não nos-alargamos comtudo tanto como a materia o exige, por esperarmos, que seja bastante para se alcançar algum remedio o que vamos resumidamente declarando. Este concelho desde o anno de 1839 tem sido avexado de *fintas* e impostos de todas as qualidades, que n'isso não ha descuido que notar em nenhuma das camaras municipaes até hoje; e posto que seja elle um dos bons concelhos da Extremadura, soffre comtudo a grande custo o pêso de taes tributos, sem que d'elles haja resultado, nem esperança, que os-possa suavisar.

A todos se-deve: os empregados do municipio; as amas dos expostos, com serem poucas, assim mesmo já não sabem, que volta hão-de dar á sua vida. E as estradas? — isso é a maior das lastimas! Já não é possivel descrever o tristissimo estado em que estão; pois sendo o terreno em geral argiloso; o aturado transitar de carros, bestas, e passageiros, juncto com as chuvas tem posto todos os caminhos, e as mesmas estradas principaes em tal ruina, que a cada passo se-encontram precipicios, e riscos, não só para quem vai de cavallo, mas ainda para os que andam a pé; se não pôem todo o sentido em se-acautelarem de geito, que escapem de cair: em fim é andar sempre com o credo na bocca. Ora sendo já tão deploravel este estado, aonde irá parar se a camara se não resolver ainda a empregar parte dos impostos em remedial-os!

Todos os annos se-espera pelos necessarios concertos, e com essa esperança vai o povo pagando todos os tributos, que lhe-impôem; e até hoje não ha coisa visivel, em que bem ou mal se-tenha empregado o suor de tantos contribuintes.

Com este aviso nos-fecharemos por ora, e aguardaremos melhores novas.

DESASTRADO INCENDIO RURAL.

886 O sr. J. J. da Silva, nos-relata miudamente o incendio da tapada de *Nogueira* a par da villa de *Mogadouro*, em *Traz-os-Montes*. — A carta mereceria estampada por inteiro pela poetica viveza de suas côres; mas somos constrangidos a resumil-a. — Era esta quinta da *Nogueira* um fechado e antiquissimo bosque, de uma boa legua de circuito, inriçado, a espaços de espessura de matagal. — D'onde ou porque mão caisse para ahi a semente do incendio, não é possivel adivinhal-o. Mas para pegar achou materia bem predisposta no resequido das plantas, fartas de estio, e possante auxiliar no vento que por tres dias assoprou, e revolveu aquelle inferno de chammas. — De leguas acudiu povo; primeiro a combater o elemento indómito, mas em vão; depois a arrancar-lhe o que fosse possivel; ultimamente a gosar do bello horror de um tal spectaculo, em que todas as fibras sensitivas do coração despertam e dão som; e em que n'uma hora se-experimentam sensações, que gerações inteiras passam sem conhecer. — Este painel movediço, pelo jogo e variados effeitos da luz e do fumo, de dia e de noite se-transformava multiplicando prazeres indefiniveis aos olhos e á imaginação. — Assim é o homem. — Eu só conto o que presenciei e o que eu mesmo senti.

A casa da *quinta* salvou-se a poder de esforços, e apparece agora como uma ilha perdida no meio de um mar de cinzas. — Do immenso gado que habitava da *quinta* a dentro quasi tudo escapou, perdendo-se e perecendo algumas crias novas, que deslumbradas pela novidade da scena, corriam improvidamente a offerecer-se em holocausto. — Os visinhos deplorarão muito tempo esta tragedia, que não só destruiu um brazão dos arredores, mas a muitos os-lesou em seus interesses, porque a generosidade dos donos de *Nogueira* a nenhum pobre defendia o cortar na sua matta, com que fazer sua cosinha, e aquecer-se a si e seus filhos nos descompostos serões dos invernos de *Traz-os-Montes*.

TAUROMACHIA FEMININA.

887 A corrida de toiros de domingo último no Campo de Sancta Anna pouca menção merece. Sim eram bravos os animaes; mas, exceptuando algumas quédas, alguns corpos humanos marrados e pisados, e algumas saudes provavelmente arruinadas para sempre, não houve ahi successo por onde a tarde se-podesse chamar boa. Semear morte em vultos de figura humana, é de pequeno interesse dramatico; é preciso dar-lh'a prompta e estrondosa; é doctrina corrente, é aphorismo entre os partidarios do curro. Para descontar porém a semsaboria da festa, houve n'ella a novidade (pomposamente prenunciada em todas as esquinas da capital) de uma rapariga a cavallo n'um rossinante, correndo um toiro á vara larga: o toiro, que a-podia ter morto, contentou-se fidalgamente de dar-lhe uma licção; e mettendo os cornos pelos peitos ao cavallo, e arvorando-o a prumo, a-despejou da sella, estirada de costas no meio da praça por entre os risos dos circumstantes. A mulher forte, com razão assomada da descortesia, recavalgou para se-desafrontar; e não duvidâmos que o-houvera conseguido, se o cavallo não discordasse manifestamente das opiniões da cavalleira: o exame phrenologico dos dois crâneos, se algum curioso de anatomia comparada o-tiver de fazer lá para o futuro, deverá, se nos não enganâmos, redundar todo em glória do quadrupede.

Como quer que seja, o importante é, que já temos mulheres a toirear. Qualquer dia, em tendo andado meia milha mais por essa perfectibilidade fóra, veremos as creanças no mesmo exercicio; e as eschólas do ex-latim substituidas pelas da tauromachia. A jarretice do *mundus a domino constitutus est* ha-de ceder a vez ás regras do apanhar á unha.

MAIS UM FEITO GLORIOSO PARA A HISTORIA DA TAUROMACHIA.

888 Quarta feira 21 do passado executou-se na villa do *Barreiro* uma corrida de toiros por particulares, em competencia das que em *Lisboa* se-tinham feito. — Custa-nos sermos obrigados a confessar, que d'esta vez a villa levou a palma á cidade. — Um pobre moço, muito pobre de tino, mas de vinho muito farto quiz commetter a façanha de passar de uma trincheira para a outra pela frente de um toiro — o resultado foi ficar meio morto; já pela queda, já pelo additamento de uma boa marrada, com que o animal o mimoseou. Se escapar, como agora se-presume e lhe-não aproveitar a licção, não será culpa do outro bruto.

MAIS ATTENTADO CONTRA AS JUSTIÇAS.

(Extracto de uma carta.)

889 Em a noite de 3 do corrente o administrador substituto do Concelho de *Vieira*, d'esta comarca (em activo exercicio) Domingos Joze Barboza, homem honrado, e bemfazejo, ao sair inerme de sua casa, recebeu tamanha pancada na cabeça, dada por um Antonio Joaquim Vieira Leite, de proposito e á falsa fé, que se-acha em perigo de vida. O malvado foi logo preso pelo povo que acudiu ás vozes do assassinado; e no meio da maior indignação, conduzido ás cadêas do Concelho, cheio de feridas, e não morto, porque a sua mesma victima intercedeu por elle!

Grande é a anciedade com que se espera essa lei, que o assassinamento do Juiz de Direito de Midões suggerira, não obstante que, leis para punir crimes as-temos nós já de sobejo; assim as-executassem: venha a final uma que não só se faça respeitar a si, senão a todas as mais leis e aos encarregados do cumprimento d'ellas.

Povoa de Lanhoso 13 de Septembro.

. . . .

UM DUELO RESOLVIDO EM TINTA DE ESCREVER.

890 Os jornaes inglezes são potentados, que põem e dispõem das famas de todo o mundo; e que para isso teem seus embaixadores e encarregados de negocios nas capitaes e cidades notaveis de todos os reinos. — O encarregado de negocios do *Times* em *Lisboa* escrevêra para esse jornal um artigo de atroz injuria contra um dos nossos fidalgos. — O offendi-

do pediu-lhe satisfação com as armas na mão; o offensor preferiu dar-lh'a com a penna (a d'estes *senhores* não costuma ser de ferro, e tem na sua escrevaninha tintas de todas as côres segundo as occasiões): — prometteu pois escrever para o seu jornal em côr de rosa o que havia escripto em preto. — Se se-cumprir o *casus fœderis* todas as coisas ficarão no *statu quo*. *(Communicado).*

PRISÃO QUE TEM DADO EM QUE FALLAR.

891 Sabbado foi preso em uma casa juncto á residencia do nuncio de Sua Sanctidade o sr. *Ezequiel Candido da Cunha Botelho Galhano*, ex-prior dos Martyres, e de quem o mesmo sr. nuncio, segundo se-diz, se-costumava acompanhar em occasiões solemnes e servir-se para as escriptas do seu expediente. Attribue-se esta prisão á cumplicidade, que se-affirma, tivera o sr. *Galhano* em um homicidio commettido por motivos politicos na villa de *Pombal* no tempo de D. Miguel.

Em todo este negocio nada podemos affiançar, além do facto da prisão.

CONSERVATORIO REAL.

892 Na sessão extraordinaria de 1 do corrente votaram-se os novos cargos para as secções; o de Director da Secção de Musica, foi dado ao sr. Dr. *Filippe Folque;* o de Director da Secção de Lingua Portugueza ao sr. *Garrett;* de Litteratura ao sr. *A. F. de Castilho;* de Historia e Antiguidades ao sr. *Freire de Carvalho*; para Thesoureiro foi eleito o sr. *André Joaquim Ramalho e Sousa*.

Adjudicaram-se os premios aos alumnos da eschola de musica.

Quanto ao fallecido socio o sr. *Bomtempo* resolveu o Conservatorio por proposta do conselho, que se inaugurasse o seu retrato na bibliotheca do Estabelecimento. O seu successor o sr. *Migoni* offereceu este retrato.

NECROLOGIA MILITAR.

893 Terça feira foi dado á terra no Cemiterio dos Prazeres o sr. Tenente General *Barão d'Albufeira*.

TEMPORAL NO TEJO.

894 Contam-nos que em a noite de sabbado para domingo naufragaram dois barcos no *Téjo*, perdendo-se em um d'elles dez pescadores. N'uma das praias do sul aportaram dois cadaveres. Um bote, em que n'essa mesma noite tinham saído, agua acima, dois barqueiros, descobriram-se tambem vestigios de haver naufragado — remos, sapatos, e varios objectos que os-indicaram mortos. Na segunda feira, porém, reappareceram ambos aos seus companheiros e familias, dando-lhe tal alegrão como quem se-tornava do outro mundo.

THEATRO NORMAL.

895 *Richelieu* e o *Frei-Diabo* continuam a campear emparelhados na tasca dramatica da Rua-dos-Condes. — Não temos hoje margem para um longo e bello artigo, que sobre o assumpto escreveu o nosso collaborador o sr. *Mendes Leal Junior*, juiz em taes materias competentissimo. — Por agora só diremos — quanto ao *diabo*, que, segundo affirma, não a platéa, mas a direcção do theatro em artigos, que surrateiramente vai mettendo por alguns jornaes d'esta capital, já o público se-vai *acostumando com o sr. Ibarra*. — Quanto ao *Richelieu*, muitas pessoas mais decentes dos bancos e dos camarotes, saem quando elle começa. Domingo último, se a empreza não fôra superior a agoiros teria tido com que se-consternar. A baroneza de *Belle Chasse* estirou-se no tablado. A duqueza de *Noailles* mesma, tanto esta quéda symbólica lhe-deu no gôto, que houvera morrido de riso, se a platéa a tempo lhe não accudisse com uma pateada. O duquesinho, que se não intimida com bagatellas, foi quem obstou, pela firmeza do seu sério, a que a peça naufragasse, e se-viesse a perder esta proveitosissima eschóla de meninas honestas, filhos-familias e mulheres casadas; que ainda agora, e com razão, é applaudida por septe ou oito *honradissimos* spectadores.

MACRÓBIA.

896 Escreve-nos de *Gonjoim*, juncto a *Lamego*, o sr. *Bernardo Antonio Machado;* que existe na freguezia de *Fontello*, concelho de *Armamar* uma *Brites Maria de S. José*, que já conta os seus 112 annos completos. Ha um anno que enviuvou pela segunda vez. Teve do primeiro marido uma filha, que viveu 50; e do segundo seis filhos. Os seus bisnetos já vão em número de dez. Anda e lida no seu tráfego de lavradora; vê bem; come e digére bem os mantimentos grosseiros do campo, sem embargo de lhe não restar um só dente; e bebe vinho com moderação. Doença grave não se-lhe tem conhecido, e parece disposta a fazer esperar muito tempo ainda por ella no outro mundo os seus dois esposos.

ADMIRAVEL SCIENCIA GEOGRAPHICA. CONSOLAÇÃO PARA IGNORANTES PORTUGUEZES.

897 Temos diante dos olhos, que se não podem fartar de o-ver, o sobrescripto impresso, com que de *París* é remettido o *Journal le Siècle* a um de seus assignantes de *Lisboa*; e diz assim — *M. . . . ., poste restante, à* LIBOURNE, *Portugal*.

Outro sobrescripto similhante se-expedia, ha poucos annos, da mesma *París*, e do grémio, de uma sociedade ou *instituto geographico*. *Era isto — A' M. . . . . à l'île de* FAYAL, *dans la Méditérranée.*

OS ARCOS DAS AGUAS-LIVRES.

898 *Rosa*, digna do seu nome por belleza, mais digna ainda por ingenuas e amaveis qualidades, *Rosa* tinha 16 annos: era, segundo se-diz, tractada com desamor e até aspereza por sua mãi. — Não pertence á imprensa o segredo das familias. — Ignorâmos e queremos ignorar a razão, que póde obrigar a mãi a pôr mãos violentas em sua filha; a fazer correr com pancadas o seu sangue; com reprehensões e injúrias as suas lagrimas. — *Rosa* esgotou de todo a sua paciencia, e rebelou-se — não contra quem lhe-dera a existencia, mas contra a existencia mesma — que na flôr da edade já lhe não offerecia senão amarguras. — Apenas concebida a funesta determinação; a fascinadora altura do *arco grande* se-lhe-apresenta logo á idéa; a-seduz; a-arranca da casa materna; a-attrae; a-empucha com uma fôrça irresistivel. — Já trepava ao parapeito, quando um viandante, a ponto deparado para a-salvar, accorre, arrebata-a violentamente, constrange-a a viver. — Vive; mas a quéda que deu nas lageas do caminho, debatendo-se contra o seu salvador, a-teve de cama por alguns dias. — Esta primeira tempestade (foi a 29 de septembro) passou. Outro tanto podessemos dizer de um infeliz mancebo que na mesma semana, e do mesmo sitio se-arremeçou para a eternidade!!

Haviamos pedido á policia, por tudo quanto ha de sancto e veneravel no mundo, e fóra d'elle, uma e muitas vezes lhe-haviamos pedido e obsecrado — que defendesse com guardas o ingresso d'aquella pon-

te da morte a todo o caminhante desacompanhado. — Devia de ser insensato o nosso requerimento, pois que nunca obteve despacho. — Convertel-o-hemos hoje em outro, que porventura logrará melhor fortuna. Tem mostrado a experiencia, que essa mesma pequena difficuldade de subir ao parapeito para dar o salto, tem salvado (como d'esta vez) a alguns outros desesperados. — Mande-se rasgar n'esse parapeito uma boa portada sempre aberta para a profundez do valle; escrevam-se-lhe por cima com grandes lettras bem doiradas — FACIL E GRATUITA SAÍDA DO MUNDO PARA QUEM QUIZER; — o cemiterio não fica longe; puchem-no até aos pés do soberbo monumento: abram n'elle uma grande cova bem por baixo do despenhadeiro para poupar escusados trabalhos quotidianos aos enterradores, que sentados nos degráus de algum tumulo ou encostados ás suas enxadas, gosarão do novo e romantico spectaculo de vêr chegar vivos e sãos e por seu pé ao cemiterio, os que um momento depois hão-de enterrar.

Pediriamos tambem — se ousassemos pedir ainda mais — que a esse valle dos suicidas se-desse algum titulo que melhor convidasse a imaginação — *o valle do repouso, as delicias* ou outro similhante; que o abysmo se-plantasse de verdura e flôres para melhor captivar os olhos — e que finalmente lá em cima houvesse de dia e de noite quem acudisse aos irresolutos com o decisivo copo de bebida espirituosa, que desde Werther para cá, tantas vezes, e tão efficazmente, ha servido em similhantes lances. Este officio para que se nos não objecte (como já se-nos-objectou contra as guardas) com o eterno argumento da míngua de dinheiro, não faltaria quem de graça e por méro gosto se-offerecesse a preenchel-o: — por exemplo, os moralissimos defensores das corridas de toiros, ou o carrasco velho; os propagadores das memorias do diabo, ou...... ou muita gente que não queremos nomear.

VIOLAÇÃO DA PROPRIEDADE LITTERARIA.

899 A *Gazeta dos Tribunaes* copía o nosso artigo 818 sem mencionar d'onde o-toma.

O *Nacional* trasladando os nossos artigos 825, 827, 828, 829, 830, 833, 834, 845, 852, 854, 855, 857; isto é, doze artigos; só declara pertencerem-nos tres 825, 852, 855.

O *Jornal de Utilidade Publica* de 4 artigos, que nos-leva, a saber 814, 815, 816, 825, unicamente confessa dois, o 814, e 825.

O *Periodico dos Pobres* tira-nos dois 859, e 863; mas não se-accusa senão de um o 863.

Quanto porém á *Gazeta dos Tribunaes*, por sua índole e por seus auctores, respeitadora certa do direito de propriedade, ella mesma confessa em uma errata, que a ommissão fôra dos seus typógraphos; queremos accreditar, que a egual motivo seriam devidas as dos outros jornaes; e esperamos que seus redactores, por credito de sua honra, advirtam aos seus compositores e revedores, e os-castiguem em caso de reincidencia. Não pedimos favores, porém justiça: — não pedimos mais, porém muito menos ainda do que aos outros fazemos.

A IMPERATRIZ DA RUSSIA.

900 CATHERINA II foi o grande homem do seu sexo. Para pedestal á estatua de *Pedro Grande* mandou ella apparelhar um immenso rochedo; para pedestal da sua propria, acanhada base fôra o Cáucaso — a sua gloria se-compoz de todas as especies de glorias; o que ella concebeu, tentou, e prefez, custou depois a relatar largos annos de trabalhos ás pennas dos mais diligentes historiadores. Desejais conhece-la? eis-aqui o seu retrato, de não menos habil mão, que a de *Frederico* tambem o Grande — »*Semiramis* capitaneou exercitos; *Izabel* de Inglaterra está no rol dos grandes politicos; *Maria Theresa* de Austria manifestou muita hombridade no »subir ao throno: mas legisladora ainda mulher nenhuma o-havia sido. Para a imperatriz da Russia »estava esta gloria reservada.«

Quereis melhor retrato do que este, que postoque fiel não passa de contornos — eil-o aqui — é desenhado por ella mesma, escrevendo de seu punho ao illustre *Zimmermann*: — »Se o meu seculo me- »houve medo, não teve por onde: nunca foi intenção minha atterrar a ninguem. O que eu só desejava era ser amada, e estimada segundo o que valho; mais não. Sempre tive para mim que me-calumniavam por me não comprehenderem. Nunca »tive odio nem inveja a quem quer que fosse. O »meu desejo e o meu gosto era fazer ditosos: mas »como a dita depende do genio de cada um; esse »meu bom empenho saíu bastantes vezes desvingado. A minha ambição não era má, que bem o sei »eu: mas parece-me que me-abalancei a mais do »que era razão, quando presupuz os homens capazes de virem a ser racionaveis, justos, e felizes. »A raça humana em geral propende para a sem razão, e injustiça. Apreciei a philosophia porque »sempre de meu natural fui singularmente republica; não digo que não haja ahi notavel contradicção entre este geito do meu ânimo e o illimitado »poder do meu officio; porém ao menos ninguem »dirá em toda a Russia que me-visse nunca abusar »de tal poder. Amo as bellas-artes por méra inclinação. Quanto aos meus escriptos não os-tenho em »grande conta; gostei de fazer minhas tentativas em »varios generos; intendo que tudo quanto n'isso fiz, »saíu muito mediocre; por isso tambem acabado o »passatempo já lhe-não dava a minima importancia. »Quanto ao meu comportamento politico forcejei por »seguir as traças, que me-pareceram mais uteis para a minha terra, e para as outras menos repugnantes, se melhores as-tivera conhecido, melhores as-tivera adoptado. A Europa atemorisou-se dos «meus designios, não teve razão; todos houveram redundado em proveito seu. Se a mim me-pagaram »com ingratidões, ingrata ninguem dirá que eu fosse nunca: muita vez me-vingei de meus inimigos »perdoando-lhes, ou fazendo-lhes ainda beneficios.«

¿Agora que já por dois retratos conheceis o seu interior, não desejais conhecer por fóra o vaso, em que tão rica alma se-encerrava? Pois vinde: a varinha do condão do artista o-acaba de fazer subir das trevas do sepulchro á luz com todo o esplendor, com toda a illusão, com todas as graças da vida — o ultimo retrato de *Catherina* é obra do SR. LOPES.

RELAÇÕES DA RUSSIA COM PORTUGAL.

901 Não parecem hoje muito más. No dia 30 de septembro foi apresentado a S. M. Fidelissima o encarregado de negocios de S. M. Imperial; e é elle o conde de Stroganoff; pessoa graúda n'aquelle imperio.